

BANDA BÊ: O BÊ-Á-BÁ DE FORMAR NOVAS PLATEIAS E VALORIZAR A MÚSICA REGIONAL

Lidiane Maria da Silva, George Glauber Félix Severo

A banda Bê fez duas apresentações durante a Semana da Consciência Negra que aconteceu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) *Campus* Cajazeiras entre os dias 18 e 20 de novembro de 2015 (Fotos 01 e 02). O evento foi realizado pelo o Núcleo de Comunicação Cultura e Artes (NUCCA)¹, em parceria com Núcleo de Extensão Cultural (NEC) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – *Campus* Cajazeiras e Centro Cultural Banco do Nordeste de Sousa (CCBNB). Na oportunidade o grupo fez duas apresentações, uma no IFPB e outra no NEC. Para Octávio Coutinho, à época concluinte o Curso Técnico em Eletromecânica, ter esse primeiro contato como o público foi muito bom. “Eu estava ansioso, mas sabia que ia dar certo porque os ensaios estavam muito legais. De lá pra cá temos crescido a cada apresentação”.

A banda Bê foi criada a partir do projeto “Práticas musicais e formação de novas plateias no âmbito IFPB – *Campus* Cajazeiras”, sendo formada por estudantes

¹ O Núcleo de Comunicação Cultura e Artes (NUCCA) faz parte da Rede Rizoma IFPB: tecnologia em extensão, tem sido importante ferramenta de estímulo a produção artística em Cajazeiras. A criação da banda Bê é uma de suas ações que vem ganhando cada vez mais destaque no meio artístico cultural da cidade.

dos cursos técnicos e superiores do IFPB – *Campus* Cajazeiras, bem como estudantes de outras instituições de ensino da referida cidade. O professor George Glauber, integrante do NUCCA e facilitador do projeto, afirma que além de fomentar a criatividade e o desenvolvimento de habilidades artísticas, a banda tem o diferencial de formar novos públicos conhecedor e consumidor das produções artísticas dos compositores paraibanos.



Foto 1 – Apresentação da banda Bê durante a Semana da Consciência Negra. Fonte: ASCOM *Campus* Cajazeiras

“Este tipo de ação é de grande importância para o desenvolvimento cultural regional. Espera-se que esse processo desencadeie em mais ações culturais que tenham por objetivo trazer a produção artística e cultural paraibana para um status de evidência na formação dos discentes do

IFPB”, afirma Glauber.

Caroline Amescosa, que cursa o 3º ano do Curso Técnico Integrado em Edificações, afirmou que não conhecia nenhuma música interpretada pela banda Bê, mas se apaixonou por todas. “Eu percebi que não conhecia uma parte linda da minha própria cultura, que são as músicas de artistas paraibanos. Tem tanta coisa boa que a gente não tem acesso e a banda Bê nos traz esse conhecimento, além de fazer um som muito bacana. Eu adoro cantar e inclusive pretendo me inscrever para fazer parte do grupo no próximo ano”.

O repertório da banda Bê é constituído de músicas de compositores paraibanos como Vital Farias, Geovan Moraes, Adeildo Vieira, Titá Moura, Chico César, Manu Lima & Sensualidade Nagô, Naldinho Braga, Seu Pereira e Coletivo 401, Zé Ramalho, Totonho, Os Gonzagas, Pinto do Acordeon, Lucy Alves, Paulo Ró, Livardo Alves, Val Donato e outros. Um panorama da diversificada produção musical paraibana.

1 A FORMAÇÃO DE NOVAS PLATEIAS ARTÍSTICAS MUSICAIS



Foto 2 – Recepção discente do ano letivo 2016.
Fonte Ascom – Campus Cajazeiras.

A intenção em formar novas plateias artísticas constitui uma estratégia comum em projetos que visam à articulação de ações culturais com a educação, tanto que, em dezembro de 2015, o Ministério da Cultura (MinC) promoveu o I Seminário de Formação Artística e Cultural², objetivando a formulação de uma política pública perene que considere a formação em arte e cultura no Brasil, contemplando desde a formação de audiências, ou seja, a formação de novas plateias e a educação musical no ensino básico, passando pela formação de artistas, gestores e toda a cadeia técnica que envolve o setor cultural (SEVERO, 2015). Estas ações estão sendo dinamizadas pela Secretaria de Educação e Formação Artística e Cultural (SEFAC), ligada ao MinC, cujas ações de interface entre a cultura e a educação estão ocorrendo na prática por meio dos programas Mais Cultura nas Escolas, Mais Cultura nas Universidades e PRONATEC³ Cultura.

Mesmo com a problemática histórica das discontinuidades das políticas culturais, sabe-se que o interesse em formar novos públicos possui considerável trajetória entre as ações culturais dos entes federativos, dos coletivos artísticos, das escolas e instituições

² Seminário realizado de 3 a 5 de dezembro de 2015, no Complexo Cultural Funarte, Brasília - Distrito Federal.

³ Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

do terceiro setor como, por exemplo, as ações do SESC⁴ e do SESI⁵ na área da cultura. Firmino (2011, p. 9) argumenta que por volta dos anos de 1960 e 1970 começou a se pensar em estratégias metodológicas que pudesse formar novas plateias, onde vários grupos teatrais promoviam ações em espaços alternativos, ou seja, fora dos tradicionais teatros.

Neste sentido, as intervenções artísticas eram seguidas de momentos formativos no intento de tornar a audiência apta a perceber e desenvolver uma visão crítica de tal apresentação, fazendo inclusive pontes com a sua realidade de vida social. Este tipo de ação é o que alguns autores têm chamado de “pedagogia do espectador”; em suma, seria “o desenvolvimento de ações para a formação de público”. Ainda segundo a autora, este tipo de metodologia busca realizar intervenções para populações mais afastadas dos grandes centros urbanos, promovendo a interação entre os artistas e suas produções com as populações em geral, além de fomentar o interesse pelas artes (FIRMINO, 2011).

Sousa (2012, p. 3), aponta que “[...] uma escuta consciente é necessária para a formação de uma nova plateia”, nesta acepção em se tratando de ação que visa formar novas plateias musicais só haveria sentido se a audiência estivesse envolvida em

4 Serviço Social do Comercio

5 Serviço Social das Indústrias

uma escuta musical ativa e crítica. Neste sentido, a referida autora ainda cita a experiência da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESF) quanto ao seu programa musical didático voltado para docentes e discentes da cidade de São Paulo-SP, cujo objetivo principal é o de formar novos públicos para apreciação da música de concerto e promover desenvolvimento intelectual e emocional de seu público-alvo.

1.1 A banda Bê como estratégia de formação de novas plateias musicais em Cajazeiras: fortalecimento da interface cultura e educação

Na sociedade contemporânea a maioria das manifestações culturais que chegam às pessoas através dos meios massivos de comunicação tem cada vez menos o intuito de formar e cada vez mais o objetivo de vender uma cultura que agrada uma “maioria” e desprestigia outros segmentos. Isso geralmente não se dá em virtude da qualidade dos artistas ou produtos artísticos, mas por sua capacidade financeira, seus patrocinadores, que os fazem alcançar os espaços privilegiados de divulgação.

Por consequência, o que se ouve no rádio, ou se vê na TV, muitas vezes não contempla a diversidade das produções artístico-culturais, seja em âmbito nacional ou regional. Neste contexto, surge a necessidade de formar novas plateias, dando às pessoas a oportunidade de conhecer

diferentes manifestações artísticas às quais não tem acesso através da grande mídia.

Neste sentido apresenta-se a banda Bê, que surgiu com o ensejo de dar continuidade aos resultados do Projeto de Extensão “Práticas musicais e formação de novas plateias no âmbito IFPB – *Campus Cajazeiras*” (PROBEXT Projeto 2015). Projeto este, que teve como objetivo a criação de uma banda de música popular urbana e a realização de apresentações didáticas musicais, reintroduzindo assim, a prática musical no referido *Campus*.

A formação de novas plateias musicais representa, justamente, a interface entre a temática da cultura e da educação. Em termos práticos buscou-se realizar as seguintes ações: desenvolvimento do conhecimento histórico e analítico; desenvolvimento da *performance* instrumental/vocal do repertório selecionado; processos de troca de saberes e vivências entre os participantes da banda; utilização da prática musical como uma ferramenta educacional e emancipatória; promoção da expressão artística por meio da voz, dos instrumentos e do corpo no palco; desenvolvimento de pesquisa básica sobre repertórios importantes do cancioneiro local; compreensão de noções básicas sobre música; e o incentivo ao desenvolvimento de interesse em instrumentos musicais.

Assim, trabalhar a formação de novas plateias artísticas é um dos principais

objetivos do repertório da banda Bê, isto é, em suas apresentações o grupo evidencia músicas de artistas paraibanos de distintas gerações, estéticas e nicho de público e mercado.

No caso específico da banda Bê, pode-se destacar que a formação de novos públicos perpassa por todas as etapas, isto é, desde os integrantes que compõe o grupo musical até a audiência. Em outras palavras, o que ocorre é que os próprios integrantes passam a ampliar e conhecer um repertório musical composto por artistas paraibanos, alguns desses inseridos na indústria fonográfica e com reconhecimento nacional e internacional, enquanto outros atuantes dentro da lógica da música independente com suas produções distantes dos grandes meios de comunicações, mas com respaldo em outros canais atuais de divulgação e consumo de músicas como, por exemplo, as redes sociais, os *blogs* e *sites* especializados em divulgar a produção independente, entre outros.

Já a audiência que participa das apresentações passa a ter contato tanto com as músicas dos artistas paraibanos quanto com informações sobre os artistas em si, através das citações de seus nomes e trabalhos artísticos durante os *shows*. A ideia é que a partir de uma apresentação que mostra um pequeno extrato da produção musical de artistas paraibanos a audiência passe a nutrir curiosidade em conhecer mais

sobre estes artistas.

Para além da construção do conhecimento acerca das obras de artistas paraibanos, citados no texto acima, percebe-se que a banda Bê possui uma atuação que contribui efetivamente com a formação musical da audiência a partir da apresentação de músicas com estéticas e gêneros musicais diversificados, contemplados no repertório.

2 CONCLUSÃO

Por fim, acredita-se que as ações culturais que buscam realizar uma interface com a educação são de extrema importância e precisa existir dentro das instituições de educação tanto para a formação dos servidores da educação, dos discentes, quanto para a formação da comunidade em geral, sobretudo quando estas ações buscam trabalhar com outras frentes artísticas, com outros tipos de visão sobre a arte.

Contemplar estes processos dentro das instituições de educação é subsidiar uma ampla formação geral que possibilite o acesso à pluralidade artística dos bens culturais brasileiros. Como proferiu o ex-ministro da cultura, Juca Ferreira: “[...] ensinar arte é também apresentar uns aos outros” (SEVERO, 2015).

REFERÊNCIAS:

FIRMINO, Gleide dos Santos. **A corrida em busca de expectadores:** um programa educativo chamado concreto nas escolas.

2011. TCC (Graduação em Artes Cênicas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SEVERO, George Glauber Félix. Anotações do I Seminário Nacional de Formação Artística e Cultural. SEMINÁRIO NACIONAL DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL (SEFAC), 1., 2015, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: Ministério da Cultura. Brasília, 2015. Disponível em:< http://www.academia.edu/21077754/Anotacoes_do_Seminario_Nacional_de_Formacao_Artistica_e_Cultural> . Acesso em: 01 jun. 2016.

SOUSA, Valdemar Rodrigues de. **Música na escola:** educação musical para a formação de uma plateia consciente. 2012. (Graduação em Licenciatura em Educação Musical) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.